

# CÉTICO ASSOMBRO

A cena de arte pós-Conceitualismo não nos legou apenas uma tradição de efêmeros. A desmaterialização do objeto de arte deu, paradoxalmente, na hegemonia da imagem tátil ou digital. Frente a uma realidade de alta definição, o corpo perdeu autoridade. Tecnicamente, estamos todos mortos. Não há nada de amistoso agora em que tudo está e nada é. Da morte material da arte à morte técnica do homem, a subjetividade que conhecíamos agoniza. Assim, o público estranha a arte contemporânea. Mas a arte estranha a vida e a familiaridade que devotamos a um mundo em que imagens são coisas. Eis o impasse sem fundo da cultura de hoje: se arte e vida não se separam, elas jamais coincidem precisamente.

Cético assombro não é uma curadoria. Estas obras não servem a uma hipótese única. Sua reunião tem caráter de ensaio, e o modo como se relacionam parece definir um eixo cujas extremidades opõem assombro e ceticismo. Em grau maior ou menor, a mostra repercute alguns dos nexos instáveis entre arte contemporânea e atualidade. Aqui coexistem ou se alternam susto e apatia, irrupção e descrença, surto e torpor.

Observem como Roberto Barciela adultera uma precária geometria com grafismos irrisórios, vendo antes o "muro" do que a pichação. Rosane Franco, ao contrário, exhibe um rosto público típico do grafite hiperurbano, desfigurado por torções de uma verborragia ilegível. Quase polaróides mas avessas à instantaneidade, as telas de Reuber Marchezini resultam antifotogênicas, fixando mitologia e claustrofobia ao retrato e à paisagem. No projeto de Ursula Tautz para um *site specific* em Berlim, o monumentalismo da intervenção resseca o possível acolhimento de um "sudário coletivo". E se as colagens neo-ópticas de Cláudio Montagna dissolvem formal e moralmente a pornografia legalizada em colônias de visibilidade *outdoor*, Leticia Tandeta sobrepõe a escala *indoor* do objeto a recortes que aspiram a um colecionismo autópsico do mórbido e do risível. Por sua vez, a instalação de Paula Gualberto resgata os efeitos de uma cartografia narcotizante, inicialmente minimizados pelo escasso formato dos suportes. Enquanto a corrosão de meridianos e paralelos age sobre a claridade de esquemas ortogonais no "mapa-múndi" de Chica Pompeu, a crise da razão também marca o dualismo neo-expressionista de Rita Manhães, em que abstração e religião são equiparadas desproporcional e fatalmente. Não menos à deriva, as extensões de Mirella Farias propõem o colapso como cálculo: o vão se dispersa tanto quanto a linha escora e arruína. As manipulações audiovisuais de Lola Lustosa propagam suspense em um crescendo de impostura e ironia sobre o lugar que o observador ocupa.

David Cury